

INSUCESSO ESCOLAR E RESILIÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE OS FATORES DE PROTEÇÃO E DE RISCO EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL 2, DA REDE PÚBLICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Marta Maria de Lima Silva¹; Ana Lúcia Galvão Leal Chaves²

¹Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática - CAA/ UFPE; E-mail: martinhalima2011@hotmail.com; ²Docente/pesquisadora do Núcleo de Formação Docente/ CAA/UFPE. E-mail: analealchaves@yahoo.com.br

Sumário: O presente trabalho realizou uma análise e discussão dos significados das dificuldades de aprendizagem para professores e alunos das turmas SE LIGA e 9º ano do Ensino Fundamental. Além disso, buscou relacionar tais significados ao fortalecimento da resiliência dos alunos. Como estratégias metodológicas, utilizamos: questionários, entrevistas (algumas gravadas) e observações com as turmas explicitadas anteriormente. Nossos objetivos foram conhecer as estratégias utilizadas pelos professores participantes da pesquisa, para lidarem com o insucesso escolar de seus alunos. Além disso, almejávamos investigar a percepção dos alunos da turma SE LIGA a cerca do ambiente escolar, assim como refletir sobre a existência de fatores de Proteção e de Risco nas duas escolas participantes, que pudessem afetar os seus potenciais resilientes. Por fim, realizamos um cruzamento e comparação dos achados. Como conclusão, podemos mencionar que, apesar de se preocuparem mais com o ensino dos conteúdos, as professoras (ambas eram do sexo feminino) pareceram manter o equilíbrio frente às situações adversas e demonstraram determinação para superar as dificuldades, assim como ajudaram os seus alunos a superarem o que surgisse no cotidiano escolar. Os alunos da turma SE LIGA, a despeito de suas dificuldades de aprendizagem, eram, em sua maioria, comprometidos com os estudos e bem comportados, superando as nossas expectativas. Já os alunos do 9º ano, apesar de divertidos, pareciam menos comprometidos com a aprendizagem e, talvez por isso, a professora estava sempre os estimulando, buscando ressaltar a importância do ambiente escolar para a formação cidadã. De maneira geral, podemos dizer que as professoras, dentro das suas limitações, procuraram realizar um trabalho de professoras-educadoras e, isso refletia diretamente nas ações dos alunos. Os alunos de ambas as turmas enfrentaram fatores de riscos, tais como: má estrutura das salas de aulas, dificuldades socioeconômicas, dificuldade de transporte para alguns alunos da zona-rural, distanciamento entre a família e a escola.

Palavras-chave: educação; insucesso escolar; resiliência

INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa teve como problemática e questão norteadora investigar as significações de dificuldades de aprendizagem para professores e alunos envolvidos nas salas de apoio à aprendizagem, bem como relacionar tais significados ao fortalecimento da resiliência nestes alunos. Ele é parte de uma pesquisa mais ampla da nossa orientadora, intitulada: “Resiliência e Formação Humana em Professores: em Busca da Integralidade”.

Historicamente falando, o conceito de resiliência vem sendo utilizado há muito tempo pela Física e Engenharia, sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young. Em 1807, ele descreveu experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força que era aplicada num corpo e a deformação que essa força

produzia. Brandão (2009) menciona, contudo, que a resiliência do ser humano é diferente da resiliência da física, já que na psicologia, após sofrer um abalo, uma “deformação em sua estrutura”, o homem não só se recupera, voltando ao que era antes, como se torna ainda mais forte, ou melhor, depois dele. No entanto, resiliência não significa resistência absoluta a qualquer adversidade e sim o seu enfrentamento.

Antunes (2007), Assis, Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2006), Tavares (2008), entre outros, consideram que a escola é um dos espaços promotores de resiliência mais potentes que a sociedade pode implementar, pois agrupa distintos sistemas humanos e articula o professor ao aluno, dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano e de proteção.

Para Poletto e Koller (2008), “os fatores de risco relacionam-se a eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais”. Além disso, concordamos com os autores ao enfatizarem que, “fatores de proteção referem-se a influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação”.

A presente pesquisa esteve direcionada a estudar o insucesso escolar e como o mesmo pôde ser encarado, tanto pelos professores, quanto pelos alunos do Ensino Fundamental 2 e dos participantes do Projeto SE LIGA.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização da Pesquisa, contamos com a participação de duas professoras, uma da turma SE LIGA e outra da turma do 9º ano “B” do Ensino Fundamental 2. Em relação aos alunos, participaram 47. Destes, 17 eram da turma SE LIGA e 30 alunos do 9º ano. Ressaltamos que tanto as escolas, quanto as professoras participantes, não terão jamais as suas identidades reveladas.

As professoras participantes receberam um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), com todas as informações sobre o Projeto, incluindo as etapas que elas iriam participar, assim como os contatos possíveis, em caso de dúvidas. Além disso, garantimos que os participantes poderiam abandonar a pesquisa em qualquer momento de sua execução.

A metodologia utilizada englobou, inicialmente, a observação das aulas e, após doze observações (sete observações na turma SE LIGA e cinco na turma do 9º ano), aplicamos dois questionários adaptados de vários estudos (POLK, 1997; JOB, 2003; BARBOSA, 2006; ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006), um para os docentes e o outro para os discentes. Cada observação durou, em média, duas horas, totalizando 14 horas na turma SE LIGA e 10 horas na turma do 9º ano.

Após aplicarmos os questionários, realizamos uma análise minuciosa dos seus resultados. Devido à dificuldade dos alunos da turma do SE LIGA responderem os questionários por escrito, optamos por realizar também gravações em áudio. Em seguida, realizamos uma análise comparativa das respostas fornecidas pelas duas professoras participantes de nossa pesquisa. Posteriormente, realizamos os mesmos procedimentos de análise com a turma do 9º ano e com a turma do SE LIGA e, depois, fizemos uma análise comparativa dos achados das duas turmas. Por fim, realizamos um cruzamento de dados das observações.

Durante o momento das observações das aulas nos mantivemos no fundo da sala, de modo que não atrapalhasse o andamento das mesmas. O objetivo era identificar se as professoras realizavam algum tipo de estratégia de fortalecimento da resiliência de seus alunos, diante das possíveis dificuldades de aprendizagem.

RESULTADOS

Ao chegarem às salas, ambas as professoras pediram para que nos apresentássemos e que explicássemos o Projeto para os alunos e assim o fizemos, deixando claro que estávamos ali apenas para observar as aulas e que eles podiam se comportar normalmente. A professora Clara, cujo nome é fictício (turma SE LIGA), demonstrava desconforto com nossa presença. A professora Rita (turma do 9º ano) sentiu-se à vontade, parecendo, às vezes, até esquecer que estávamos ali.

Em relação aos alunos, ocorreu o inverso da reação das professoras: os da turma SE LIGA, desde o início, se mostraram empolgados e nos sentimos confortáveis e até queridos por eles. Já os alunos do 9º ano pareciam se incomodar com a nossa presença. A impressão que nos passava era que achavam que estavam sendo “vigiados”. Apesar da tentativa de aproximação, procuramos evitar a comunicação com eles durante a observação, a fim de não atrapalhar o andamento das aulas.

DISCUSSÃO

Analisando as respostas das duas professoras percebemos que Rita incentiva os seus alunos a dar continuidade em seus estudos, enfatizando que é por meio disso que eles poderão se tornar bons profissionais. Ela se mostrou um pouco desiludida, justificando que os alunos têm oportunidades de ensino e aprendizagem, mas não as aproveitam.

Já Clara enfatiza o processo de ensino-aprendizagem e também a interação dentro da sala de aula. Ela realmente interagiu bastante com os seus alunos, estando sempre preocupada com suas aprendizagens.

Em relação aos fatores de riscos:

Na turma SE LIGA os Fatores de Riscos foram: Falta de estrutura física, da sala de aula, às vezes falta de carinho e de paciência por parte da professora (apesar de raro). Além disso, percebemos que a mesma, em alguns momentos, deixava um aluno um pouco de lado, considerado o mais “danado” da sala, não o incentivando.

Já a turma do 9º ano frequenta uma sala barulhenta, os alunos pareceram, em sua maioria, desestimulados, inclusive pela professora. Ela pareceu não se preocupar muito com a aprendizagem deles e sim em cumprir o conteúdo programático. Alguns alunos desta turma acharam a escola um incômodo e afirmaram sentir preguiça de ir à mesma. Ou seja, não pareceu uma escola atrativa na visão de alguns.

Em relação aos fatores de proteção:

Com respeito aos Fatores de Proteção, na turma SE LIGA, observamos que a dedicação da professora em relação ao ensino, a amizade, o carinho, o respeito, a gentileza estiveram quase sempre presentes, bem como entre os próprios alunos e, que podemos pontuá-los como Fatores de Proteção.

Já no 9º ano, o carinho, respeito, amizade dos amigos, a alegria contagiante da professora e o respeito desta com os alunos foram considerados como fatores de Proteção.

CONCLUSÕES

Podemos dizer que as professoras demonstraram equilíbrio e determinação para superar as situações adversas existentes no ambiente escolar, e, dessa forma puderam ajudar os seus alunos no fortalecimento das mesmas. Vale ressaltar que a professora da turma SE LIGA se mostrou mais preocupada e envolvida com os alunos, do que a professora do 9º ano.

Os alunos, em sua maioria, se sentiam bem no ambiente escolar, especificamente os alunos do Projeto SE LIGA. Entendemos que estes se sentiam bem acolhidos e tratados com carinho. Além disso, foram bem educados, gentis, superando nossas expectativas, pois achávamos que iríamos nos deparar com uma turma agitada e barulhenta, até pelas

dificuldades de aprendizagem vivenciadas. Ao contrário disso, eles apresentaram um comportamento excelente.

Já a turma do 9º ano foi composta por alunos que pareciam gostar de estudar, que eram comprometidos e dedicados. Porém, havia alunos que não se dedicavam tanto aos estudos, que demonstravam usufruir da escola como um espaço de entretenimento. De modo geral, percebemos que alguns alunos eram desestimulados e desacreditados de sua própria aprendizagem. Acreditamos que uma atuação desta professora como uma verdadeira educadora seria fundamental, promovendo uma educação voltada à formação humana de seus alunos, superando o investimento puramente da cognição. Felizmente, em alguns momentos, a professora parava para conversar com os alunos, e eles, nitidamente, gostavam desta postura.

Pelo exposto, destacamos quão importante é o trabalho com resiliência para a formação do docente, que poderá ter uma melhor consciência da sua importância para o fortalecimento de uma postura de superação das dificuldades vivenciadas por seus alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as escolas que permitiram a realização do nosso projeto de pesquisa e aos participantes que contribuíram para que a realização da mesma fosse possível, assim como ao setor de iniciação científica da Universidade Federal de Pernambuco pela oportunidade de estarmos engajados em projetos de tal importância para nossa formação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. *Resiliência: A construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBOSA, G. Índices de resiliência: análise em professores do Ensino Fundamental. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100014&lng=en&nrm=abn.
- BRANDÃO, J.M. *Resiliência: De que se trata? O conceito e suas imprecisões*. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- JOB, F.P.P. *Resiliência na organização: Estudo de caso da mediação e avaliação da resiliência de indivíduos em uma organização industrial*. Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba. V.5, n. 1, p. 33-42, 2003.
- POLETO, M.; KOLLER, S.H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*. Campinas, 25(3), 405-416, Julho-Setembro, 2008.
- POLY, L. *Toward a middle-range theory of resilience*. *Advanced Nursing Science*. Washington, 19, 1-3. 1997.
- TAVARES, J. *Encorajamento e resiliência dos professores e educadores*. Fortaleza, 2007. Palestra. Disponível em: [Http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73712003000300010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73712003000300010).